

1

Preâmbulo

“O trabalho em uma boa prosa tem três graus:
um musical, em que ela é composta,
um arquitetônico, em que ela é construída,
e, enfim, um têxtil, em que ela é tecida”
(Benjamin, 1987, p: 27).

Uma tese sobre infância

A partir de uma concepção de infância que tem seus pressupostos teóricos baseados em Walter Benjamin (1984; 1987; 1993;) a criança não ocupa um lugar romantizado na sociedade, mas, ao contrário, está envolvida política e socialmente dentro de sua realidade, daí a *importância de compreender as especificidades das construções culturais das crianças tanto quanto relacioná-las com seus contextos sociais e as reflexões políticas de nosso tempo* (Kramer et al, 2004:12). A infância tem sido uma questão importante tanto para aqueles que pesquisam e trabalham com as crianças, quanto para aqueles que pensam a sociedade, as políticas e a cultura no mundo contemporâneo. De acordo com Manuela Ferreira (2002), há alguns mitos da infância e de suas concepções tradicionais que necessitam ser repensados: o primeiro diz respeito às crianças como seres em que a “falta de algo” impõe uma sensação de pena e compaixão o que acarreta uma constante intervenção dos adultos. O segundo diz respeito à socialização como um processo vertical, conduzido exclusivamente por adultos que o lideram, de acordo com objetivos definidos e em benefício da reprodução social. O terceiro mito, também de acordo com Ferreira é o do *grupo de pares* como uma forma de organização entendida como algo que está fora da criança, que lhes é dado, construído sem sua participação e de cuja suposta homogeneidade estão isentas relações sociais desiguais (p:4).

Se a intenção é desmistificar essas concepções, cabe “*levar a sério a voz das crianças, reconhecendo-as como seres dotados de inteligência, capazes de produzir sentido e com o direito de se apresentarem como sujeitos de conhecimento ainda que o possam expressar diferentemente de nós, adultos*” (Ferreira, 2002 p:5); além de “*assumir como legítimas as suas formas de comunicação e relação, mesmo que os significados que as crianças atribuem às suas experiências possam não ser aqueles que os adultos que convivem com elas lhes atribuem*” (p:5). Em suma, trata-se de romper com determinadas concepções que avaliam as ações infantis

como imperfeitas desconsiderando-as como atores sociais que são.

Segundo Sarmiento e Pinto, a partir da década de 90 o campo de estudos das crianças se modificou ultrapassando os limites da investigação que se restringia ao campo médico, da psicologia do desenvolvimento ou mesmo da pedagogia, para então passar a considerar o fenômeno social da infância “concebida como uma categoria social autônoma, analisável nas suas relações com a ação e a estrutura social”. (1997, p: 35).

O estudo da infância aponta cada vez mais para uma concepção infantil que permite ao pesquisador se colocar no papel de ouvinte das vozes infantis e não mais escritor daquilo que, a partir de uma visão adultocêntrica, ele considera mais ou menos importante ou válido apresentar. No entanto, para o pesquisador que se encontra em trabalho de campo dentro de uma instituição de Educação Infantil achar seu lugar naquele espaço se torna tarefa difícil e delicada, pois ele não é professor, também não é criança, não faz parte da comunidade escolar embora durante determinado período de tempo participará das atividades, rotinas, cotidiano, conversas, passeios, tudo que envolva o grupo que estará sendo observado. Para encontrar esse lugar diferenciado sem ficar em evidência ou destaque, as contribuições do conceito de “geração” trazido pela Sociologia da Infância se torna interessante. Esse conceito é uma categoria estrutural, relevante na análise dos processos de estratificação social e na construção das relações sociais, Qvortrup (2001).

Tais referenciais teóricos foram desenvolvidos junto ao projeto de pesquisa institucional “*Crianças e adultos em diferentes contextos: a infância, a cultura contemporânea e a educação*”¹. Minha participação neste projeto foi importante na consolidação tanto do estudo teórico como no direcionamento metodológico no que diz respeito à pesquisa de campo realizada e suas decorrências. O grupo de pesquisa buscou nas relações entre adultos e crianças marcas de sua singularidade, investigando na diversidade e nas relações de autoridade – dos adultos e das crianças – de que maneira se constitui a identidade das crianças nas escolas de Educação Infantil (exclusivas e também as que possuem turmas de ensino fundamental e nas creches).

¹ Desenvolvido no Programa de Pós Graduação do Departamento de Educação da PUC-Rio, coordenado pela professora Sonia Kramer, com apoio do CNPq.

Estudar as crianças de uma mesma geração, vindas de classes sociais distintas, com experiências também distintas, com famílias diversas, mas que partilham do mesmo espaço escolar – como fiz no estudo empírico da tese – é um desafio na medida em que esta experiência só poderá ser compartilhada com o pesquisador se as crianças o sentirem parte do seu grupo, sem que para isso ele se torne criança – desafio do pesquisador.

Nos vários encontros que tive com as crianças, nas conversas e entrevistas e perguntas e respostas de um lado e de outro, sentia a necessidade de ser aceita por aquele grupo como um participante interno e percebia que o fato de pertencer à outra geração, ainda que não impedisse os contatos e aceitações, me colocava em um outro lugar. Eu não era a professora, não era aluna, não era criança, era chamada pelo meu nome, era convidada a participar das atividades no parque, na casinha de bonecas, na sala de aula, mas, ainda assim, havia algo que nos separava.

Procurando captar o ponto de vista da criança, deixando emergir os significados produzidos a partir de suas leituras de mundo, a proposta da tese é a de um enfoque e discussão metodológica específicas, em que o pesquisador, ocupando seu lugar no posto de observação participa, junto com as crianças, das atividades cotidianas da escola e entrevista, conversa, faz anotações no caderno de campo, fotografa.

O trabalho de campo e os relatos etnográficos do caderno de campo chamam a atenção para os sujeitos que são cada uma das crianças, que participam na construção de ações significantes partilhados na coletividade bem como na sua organização como grupo social. Apontam, também, para os processos de socialização protagonizados pelas próprias crianças quando procuram gerir a heterogeneidade dos seus papéis, identidades e posições sociais.

É dentro deste complexo panorama que procuro atravessar o desafio acadêmico, atravessando, primeiro, o Campo que me leva à escola.

A chegada na escola: travessia

7:10h da manhã. O sol está forte. Gosto de caminhar por ele. Procuro espaços sem sombras, mas é quase impossível. Estou atravessando uma enorme área verde que fica no centro da cidade para chegar à Escola, objeto de meu trabalho de campo.

Vou andando devagar. Olho para as cutias, centenas delas, agrupadas de tantos em tantos espaços. Penso que estão acordando, devagar, enquanto os transeuntes passam apressados atravessando o campo para cortar caminho – exatamente o que faço.

Espalhados por todos os lugares do campo estão muitos gatos, dezenas, centenas deles. Desde filhotes mínimos mamando em suas ariscas mães até gatos mais velhos,

gordos, quase sem andar, deitados debaixo dos bancos sem se importar com quem passa.

Salto do metrô na Avenida Presidente Vargas – saída Praça da República – bem ao lado de um dos portões de entrada do Campo de Santana que fica em frente à Estação Central do Brasil. Entro por ele e atravesso metade do campo, em diagonal, até chegar em frente a outro portão, o da Rua Buenos Aires. Ali saio e vou contornando o campo pela Rua da Constituição até a Rua Frei Caneca onde fica o portão principal da escola, a esta hora já aberto, e por onde entram as crianças que já chegam pra iniciar mais um dia de aula.

Nessa caminhada vou observando as pessoas que por lá passam. Transeuntes apressados, pessoas variadas caminhando e correndo; outras ainda sentadas nos bancos; grupos de bombeiros fazendo Educação Física – há uma corporação bem em frente à escola – e bem no centro do campo um grupo de senhoras e senhores que diariamente fazem exercícios comandados por um professor.

A escola fica dentro desse campo, tem um portão que dá para a Rua Frei Caneca, bem em frente ao Corpo de Bombeiros, por onde entram as crianças e há um portão de ferro que sai dentro do campo, mas que se encontra permanentemente fechado. Por que será, me pergunto?

Atravesso o portão de ferro, antigo e pesado e me identifico com a funcionária que recebe as crianças. Muito agitada, não presta muita atenção ao que lhe digo. Pede que eu espere sentada em um dos bancos da entrada da escola. Confesso que até gosto! Sento e fico observando as crianças chegando, se despedindo dos pais e mães e avós e irmãos mais velhos e vizinhos que vêm trazê-los. Percebo claramente que a maioria das crianças gosta de entrar naquele espaço. Despedem-se rapidamente com um beijo furtivo; a mãe segura o menino que faz força para se desvencilhar de seu abraço, corre para dentro da escola. Em outra situação uma avó quer colocar o casaco na menina, muito arrumada e de maria chiquinha caprichosamente penteada, mas a menina sai correndo apenas com uma manga do casaco vestida e logo o tira, pendurando-o nos ganchos perto das salas. O sol está tão forte, penso... para que o casaco? Coisas de avó!

As crianças vão escasseando e a porteira me diz: agora só os atrasados de sempre. Ameaço um sorriso sem graça.

Logo chega a coordenadora e me leva para sua sala. Começamos uma longa conversa sobre a pesquisa. A mesma que tivemos semana passada. Respondo as perguntas com paciência e apreensão. Depois de algum tempo ela então me leva até a professora que vou acompanhar ao longo destes meses.

(Caderno de campo – fevereiro de 2006).

A escola e a pesquisadora: acordos e possibilidades

O trecho acima foi extraído do caderno de campo e começou a ser escrito enquanto estava sentada no banco que me indicou a funcionária, à espera da coordenadora. As primeiras observações, o primeiro texto, as primeiras impressões.

Escrevia e observava as crianças chegarem em algazarra e gritos de “olá!”, “bom dia!”, “trouxe o brinquedo?”, “comprei figurinha!”. Assim iniciei meu primeiro dia de trabalho de campo, misturando cutias, árvores e crianças em um mesmo texto, em um mesmo caderno, em uma mesma observação.

Já havia estado na escola em duas ocasiões anteriores, para apresentar a pesquisa da qual esta tese faz parte e para me apresentar, esperando a aceitação da direção para que a pesquisa de campo fosse ali realizada. Na primeira

oportunidade em que lá estive, a coordenadora e também professora da sala de leitura me levou para conhecer o espaço físico da escola, mostrando as salas, refeitório, e demais dependências. Saímos para um passeio na parte externa da escola, com dois amplos espaços de área de lazer para as crianças, com brinquedos e muita terra – que mais tarde foram descritos e fotografados – e conversamos sobre a localização da escola dentro daquela área verde.

Na segunda ocasião em que estive com a coordenadora, fixamos as bases da minha presença na escola ao longo do semestre que iniciava (fevereiro a julho de 2006). A princípio eu estaria na escola todas as manhãs, em horário cheio (de 7:00h às 11:30h) acompanhando a mesma turma. Esta turma foi designada pela coordenadora, alegando ser a professora uma pessoa que não se ressentia profissionalmente em receber pesquisadores ou estagiários. Um mês e meio depois essa combinação de horário foi alterada a pedido da própria professora. Em uma conversa em um momento em que as crianças desenhavam livremente na sala de aula, a professora pediu para reorganizar o horário de pesquisa, uma vez que sentia falta de ter dias sozinha com as crianças.

Passei, então, a partir da segunda quinzena de março de 2006 a estar na escola três vezes por semana – segundas, quartas e sextas durante toda a manhã. A professora preferiu esta forma de organização a uma outra que apresentei, que seria continuar indo todos os dias com uma carga horária menor. Assim estabelecido, e uma vez lá, acompanhava a turma em todas as atividades como entrada, refeitório, rodinha, sala de leitura, sala de aula, parque, corredor, forma, horários de atividades livres na sala, horários de atividades dirigidas, educação física, horário de saída, banheiro – apenas nos momentos de escovar dentes e lavar as mãos – aproveitando todos os momentos para entabular com as crianças conversas, bate papos, pequenas entrevistas, além de me misturar a elas ouvindo suas histórias, conversas, brigas, acordos sem nenhum tipo de intermediação ou interferências. Abaixo quadro com nomes (fictícios) e datas de nascimento das crianças da turma pesquisada.

Nome	Data Nascimento
Laura	17/07/2001
Nayana	11/01/2002
Juliana	08/05/2001
Tania	19/02/2002
Suzana	27/12/2001
Clarice	03/01/2002
Anne	19/11/2001
Carol	14/02/2002
Cristina	06/11/2001
Teresa	06/02/2002
Alice	24/02/2002
Margarida	18/12/2002
Fátima	28/01/2002
Fernando	29/01/2002
Manoel	22/01/2002
Pedro	04/02/2002
João	20/06/2002
Marcio	11/04/2001
Carlinhos	26/02/2002
Paulo	26/05/2001
Lucas	31/12/2001

A escola em questão atende a (258) duzentos e cinquenta e oito alunos funcionando em horário parcial em dois turnos, possui cinco turmas em cada turno. A turma que acompanhei era composta por vinte e duas crianças de quatro e cinco anos, turno da manhã – com entrada às 7:00h e saída às 11:30h.

Possui cinco salas de aulas, um refeitório, duas salas para direção e coordenação, sala de professores e de leitura; dois banheiros infantis e um banheiro para professores e funcionários. São servidos café da manhã, almoço e jantar para todas as crianças.

As crianças da turma pesquisada moram perto da escola. Morros de São Carlos, no Estácio; Morro da Providência, no Centro; prédios e casas do entorno da escola, em áreas residenciais do centro da cidade. Algumas iam para a escola de condução, mas a maioria chegava a pé.

Sempre se mostraram extrovertidas, não tiveram problemas em me receber na turma. Fui apresentada pela professora de maneira amável e carinhosa e minha

adaptação foi tranqüila. As crianças me chamavam pelo nome – perguntaram como eu gostaria de ser tratada, se de “tia” ou de “Eliane” – apesar de chamarem a professora de tia. Houve as perguntas tradicionais – se era casada, se tinha filhos, por qual time torcia, o que eu ia fazer ali, para que o caderno vermelho em minhas mãos. Respondi a todas as perguntas não escondendo nenhuma informação. Disse que estava estudando as crianças de quatro e cinco anos de escolas do município e que tinha escolhido aquela escola por causa do Campo de Santana e do centro da cidade. Disse também que o caderno vermelho ia ajudar a não esquecer o que tinha visto durante o dia, que ia anotar algumas conversas que teríamos ao longo dos dias, que eles também poderiam me ajudar a escrever alguma coisa que achassem importante.

Sempre que as crianças chegavam eu já estava na escola e elas vinham em minha direção com abraços e beijos. Quando ia embora antes do horário de saída perguntavam por que ia sair mais cedo e me diziam “*amanhã você vem, né Eliane?*”

Assim, em um clima de cordialidade, respeito, observação, conversas, fui construindo o campo da pesquisa indo à teoria buscar sustentação, fundamentação tentando a melhor forma de organizá-las em texto de forma a não privilegiar uma em detrimento da outra.

Objetivos e questões centrais da pesquisa

O principal objetivo da tese é compreender as relações de crianças de quatro e cinco anos de uma das dez turmas de uma Escola Municipal localizada no centro da cidade do Rio de Janeiro com as manifestações e expressões culturais que perpassam o entorno da escola, observando mais especificamente se e como circula dentro da escola a produção cultural desse entorno.

Também é intenção observar se o trabalho realizado com as crianças traz a marca desse entorno cultural e por fim, permeando toda a pesquisa, como se processam as relações entre professores e crianças e entre crianças e crianças.

No que se refere às questões que norteiam a pesquisa, busco me ancorar nelas, compreendê-las e desmembrá-las no intuito de que ajudem no direcionamento do trabalho de campo. São elas: A escola funciona como um mediador entre a cultura produzida dentro da escola com a produzida fora da escola? Os professores das turmas de Educação Infantil se sentem envolvidos por

essa cultura? Eles envolvem as crianças nessas manifestações culturais? As produções das próprias crianças são levadas em conta pelos professores? São entendidas como cultura? De que maneira a diversidade cultural produzida no centro da cidade pode contribuir para a formação desse sujeito-criança uma vez que a maior parte do seu dia ele passa dentro de uma escola que está rodeada dessas manifestações?

Tais questões estarão balizando a pesquisa, aguçando meu olhar, norteando as observações.

Revisão de Literatura

No Brasil, observa-se um grande investimento teórico recente para a construção de uma metodologia de pesquisas com crianças. Mas já nos anos 40, Fernandes (1979) apresentava um trabalho que muito contribuiu (e ainda contribui) para a construção desse campo do saber. Na área da sociologia da infância, as traduções dos trabalhos de Montandon (2001) e Sirota (2001) constituem importantes contribuições para esse estudo, assim como Quinteiro (2000, 2002), Faria, Demartini e Prado (2002), Sarmiento (1997, 2000, 2001), Sarmiento e Pinto (1997), Delgado e Muller (2005). Todos trazem à área dos estudos da infância e dos trabalhos com pesquisas com crianças relevantes contribuições em um campo que está a se consolidar.

A tese se ancora em três campos teóricos: (i) a cultura nas suas diversas formas de manifestação e produção e o direito da criança ao acesso a ela; (ii) a infância e a educação infantil e (iii) o centro da cidade do Rio de Janeiro e as produções culturais aí produzidas. Para trabalhar essas questões alguns autores serão privilegiados sustentando as observações e análises. Na área da cultura, Candau (2002;2002a;2003; 2005); Geertz (1989); Certeau (1994); Ginzburg (1987). Em relação à infância Kramer (1998; 1999; 2000; 2001); Bazílio (2001; 2003); Ferreira (2002; 2004); Sarmiento (2001); Castro (2001) e nas questões relativas ao centro da cidade do Rio de Janeiro, Gomes (1994; 2003; 2004); Lessa (2000); Peixoto (1998) e Carvalho (1994).

Importante frisar que as contribuições centrais para o trabalho, do ponto de vista teórico metodológico, vieram da obra de Mikhail Bakhtin (1992; 1993; 1998; 2003) por seus estudos na área da linguagem e por sua reflexão sobre as

ciências humanas onde conceitos como dialogismo, exotopia, polifonia, palavra, cultura, irão subsidiar as análises que me proponho fazer.

Uma vez que a tese buscou inspiração na antropologia e trata de espaços urbanos, os trabalhos sobre centros urbanos de José Guilherme Cantor Magnani (2002) e Gilberto Velho (1999; 2003) foram também por mim utilizados.

Não gostaria de deixar de citar dois autores que vêm, ao longo dos últimos anos, fundamentando inúmeros estudos acerca do tema da tese e das discussões tão presentes hoje sobre cidade, modernidade e pós-modernidade que são Zygmunt Bauman (1998; 2001; 2004; 2006) e Richard Sennet (2004). Com suas reflexões desafiadoras esses autores também se configuram interlocutores importantes no processo de doutoramento e no aprofundamento de questões relativas ao tema central da pesquisa.

Cabe lembrar, no entanto, que segundo Bakhtin (1992; 2003) a pesquisa em ciências humanas é sempre estudos de textos. Kramer (2004) apresenta essa idéia do autor quando diz que:

“diários de campos, transcrições de entrevistas são – mais do que aparatos técnicos – modos de conhecimento. Aqui, é preciso admitir recortes e vieses e, sobretudo, procurar a distância, o afastamento, a exotopia, de forma a favorecer que o real seja captado na sua provisoriidade, dinâmica, multiplicidade e polifonia. Por outro lado, esses textos – para serem entendidos – exigem que se explicitem as condições de produção dos discursos, práticas e interações. Texto e contexto são, para o pesquisador, importantes ferramentas conceituais” (Kramer, p:19).

As harmônicas individuais de estilo e a escrita acadêmica

Segundo Bakhtin (1998), a forma e o conteúdo estão unidos no discurso, pois são por ele entendidos como fenômeno social. Para o autor, essa idéia determinou a ênfase sobre a “estilística do gênero”, ou seja, a distinção entre estilo e linguagem de um lado e o gênero de outro. A partir daí, passaram-se a estudar as “harmônicas individuais” e orientadoras do estilo, ignorando, de certa forma, o seu tom básico. Ainda segundo o autor, “*os grandes destinos históricos do discurso literário, ligados aos destinos dos gêneros, foram encobertos pelos pequenos destinos das modificações estilísticas ligadas a artistas e tendências*

individuais” (p.71).

Bakhtin argumenta ainda que a estilística se apresenta como uma “arte caseira” ignorando a vida social do discurso que se encontra fora do atelier do artista, nas praças, ruas, cidades e aldeias, grupos sociais, gerações e épocas. Para ele, a estilística ocupa-se não com a palavra viva, mas com uma palavra que é abstrata e que está a serviço da mestria do artista.

As harmônicas individuais do estilo se encontram isoladas dos caminhos sociais da vida do discurso e recebem, por isso, um tratamento acanhado e abstrato. A estilística encontra-se afogada em pormenores de estilo e não percebe os destinos anônimos do discurso literários existentes nas entrelinhas dos desvios individuais e das tendências de cada um.

Se apresento a discussão bakhtiniana sobre a arte do discurso no romance, é para que fundamente a idéia da forma e do conteúdo unidos no discurso que ora me proponho a realizar, ou seja, para justificar teoricamente a forma da escrita da tese.

Busco em Bakhtin a inspiração necessária para que forma e conteúdo se coloquem organizados de forma a dar leveza e beleza a um texto que traz a necessidade de uma metodologia clara e fundamentada, por um lado, e as vozes e discursos humanamente tratados e transcritos por outro, fazendo uso de minhas harmônicas individuais de estilo sem me perder na estilística que se ocupa apenas da palavra abstrata. Ao contrário, aqui estarão palavras vivas, concretas, tiradas de um contexto real, vivido e experimentado durante seis meses de observação, conversas – formais e informais – brincadeiras com as crianças, estudos, diários de campo, análises de materiais que se constitui em um campo de pesquisa que organizo em forma de escrita acadêmica, mas que não necessariamente sem estilo próprio e harmônico. Longe da intenção de conferir a Bakhtin apenas um papel auxiliar, o que busco é a fundamentação teórica necessária para saber lidar com o discurso escrito, sem me perder nas estilísticas da escrita, procurando não confundir forma e conteúdo, temas que a leitura bakhtiniana organiza, enriquece, ensina, completa.

Os autores que compõem a espinha dorsal da tese no que diz respeito ao campo estarão presentes amparando as transcrições do caderno de campo e o que dele emergir no intuito de corroborar teoricamente as discussões levantadas acerca dos diferentes eixos relacionados ao tema da tese. Essas transcrições estarão sempre identificadas como (caderno de campo – mês e ano da observação).

A opção por uma inspiração etnográfica faz com que “descrições densas” como chama Geertz (1989) tenham, também, espaço nessa tese. São descrições dos espaços físicos da escola, de meus percursos, atividades, rotinas, atividades das crianças, de encontros com elas, com a professora, dos lanches, almoços e situações que vêm explicitadas e descritas com a precisão e visão da antropologia, mas sem a pretensão de me sentir uma antropóloga.

A pesquisa foi composta com vozes humanas e reais, existentes, atores de uma escola também real, humana, ambígua, com falhas e acertos, como a pesquisadora que lá esteve por seis meses e que agora sistematiza na escrita, em um trabalho solitário, também parte da tarefa do etnógrafo, o que foi visto e observado.

A tese está organizada em três capítulos: o primeiro capítulo “*Criança, cultura e cidade: direito conquistado ou ocasionalidade?*” apresenta discussões de cunho mais teórico. Traz questões relativas às conquistas sociais da infância nas últimas décadas, provocando reflexões acerca do atendimento à infância, das culturas infantis, de uma educação em direitos humanos. Apresenta também a idéia de cidade como espaço de isolamento e socialização e do direito da criança à cultura. Além disso, traz um breve histórico sobre o surgimento da cidade do Rio de Janeiro e, por fim, trata da cidade do Rio de Janeiro hoje.

O capítulo II “*Árvores, cutias e crianças: o que está dentro e o que está fora do aramado*”, traz uma discussão entre o dentro e o fora da escola e o centro da cidade; também estão presentes a escola foco da pesquisa e o Campo de Santana, e as instâncias de fomento à cultura com as suas propostas e projetos de atendimento à infância e no capítulo III “*Escolas, árvores e crianças: o que está dentro e o que está fora do aramado*” estão os eixos escolhidos para discussões e análises a partir das conversas e entrevistas tidas com as crianças.

Fechando os três capítulos vou “*Contornando o aramado*” onde estão as “*Considerações Finais*” que apresenta um olhar mais amplo sobre a pesquisa, procurando a crítica sem o pessimismo e “*Algumas Recomendações*” para o trabalho com crianças da educação infantil em uma perspectiva cultural que apresentam algumas sugestões sobre o que as escolas e as políticas públicas *poderiam/deveriam fazer com/para* a produção cultural e as expressões culturais que estão ao redor das escolas sem a intenção de apontar **certos** ou **errados**.